

## O panoptismo pela escrita: reflexões sobre um tema de redação

Anderson Cristiano da Silva (UNITAU)  
Rose Mary Soares Maurício (UNITAU)

**RESUMO:** A presente pesquisa objetiva problematizar a funcionalidade de um tema de redação, tendo como enfoque duas utilidades, a de averiguação da competência escritora e também uma possível forma de vigilância através da escrita. Para tal empreendimento, utilizamos como *corpus* um tema de redação do SARESP/2008 para 6ª série, no qual se utilizou o gênero carta pessoal para motivar a interlocução das produções textuais. Como arcabouço teórico-metodológico, recorremos a alguns pressupostos foucaultianos em interface com a AD de linha francesa. Por meio de nossas análises, observamos como marcas discursivas do poder e da vigilância poderiam estar presentes em um tema de redação, marcas nem sempre perceptíveis pelos sujeitos.

Palavras-chave: tema de redação; avaliação; vigilância; análise do discurso.

### Introdução

Este estudo objetiva discutir duas possíveis utilidades para um tema de redação proposto no Sistema de Avaliação de Rendimento Escolar do Estado de São Paulo (SARESP/2008). A primeira hipótese remete-nos ao senso comum, ou seja, que a proposta de produção textual fosse utilizada para averiguar a competência escritora do sujeito-avaliado, na qual deveria ser capaz de compreender e desenvolver o tema proposto de acordo com o contexto de produção.

No entanto, percebem-se brechas na materialidade linguística desse tema de redação que nos possibilitaram cogitar pelo menos outra utilidade para a mesma proposta, o que seria nossa hipótese sobre um critério de vigilância através da escrita.

Assim sendo, na sequência, explicitamos as condições de produção que envolvem nosso *corpus* e o arcabouço teórico-metodológico em que ancora essa pesquisa. Sobre esse último, relacionamos o pressuposto do panóptico foucaultiano com a ideia de sujeito e heterogeneidade, concebidos pela vertente discursiva francesa.

## 1. A utilização do gênero carta pessoal no exame SARESP

Tento em vista que nosso *corpus* compreende um modelo de carta utilizado como proposta de redação no SARESP/2008, fazemos por bem explicitar resumidamente a trajetória histórica desse exame e também discorrer de forma breve sobre o gênero no qual nosso material de pesquisa insere-se.

Queremos ainda ressaltar, que nosso objetivo principal não é fazer uma investigação aprofundada sobre gêneros discursivos, tampouco discorrer detalhadamente sobre o SARESP, apontando falhas ou acertos. Nosso intuito, ao discorrer sobre tais questões, é ambientar ao interlocutor sobre qual abordagem teórica compreendemos nosso *corpus* e também sobre qual esfera esse material investigativo é constituído.

Dessa maneira, a avaliação estadual do SARESP iniciou-se no ano de 1997 e passou por várias adequações durante seu percurso. Primeiramente, o exame era aplicado em todas as séries de forma anual e, com o passar dos anos, sofreu uma mudança estrutural na qual, desde então, são aplicados anualmente na 4ª, 6ª, 8ª séries do Ensino Fundamental e no 3º ano do Ensino Médio.

A prova consiste em questões de múltipla escolha nas disciplinas de Matemática e Português, visando avaliar diferentes habilidades que envolvem as competências leitora, escritora e de raciocínio lógico dos alunos. Além disso, há um questionário socioeconômico e também a inserção, nas últimas edições, de uma prova de outra disciplina como parte complementar da avaliação.

Em todas as edições do exame sempre houve a exigência de uma produção textual, sendo um texto narrativo para o Ensino Fundamental e de um texto dissertativo para o Ensino Médio; mas no ano de 2008, com a mudança da responsabilidade na elaboração da avaliação delegada a uma empresa particular, houve uma pequena alteração na estrutura do exame.

Contrariamente ao que era aplicado em todos os anos (uma narrativa no Ensino Fundamental – 5ª a 8ª), nesse ano houve a inserção de gêneros diferentes para avaliar a capacidade escritora dos educandos, ou seja, uma carta pessoal para 6ª série e um artigo opinativo para a 8ª série. Fato esse que nos instigou a investigar o tema proposto para o desenvolvimento das produções textuais.

Além de ambientar as condições de produção de nosso *corpus*, faz-se necessário também a concepção que se adota sobre gênero discursivo em nossa pesquisa, pois é através do gênero carta pessoal que tentamos analisar os enunciados dos sujeitos-alunos que remetem à possíveis (d)enunciações do funcionamento da escola.

Por conseguinte, justificam-se aqui as contribuições conceituais de Bakhtin, pois além de ser um dos pilares fundadores da Análise do Discurso de linha francesa (BRANDÃO, 2002), instituiu o princípio dialógico da linguagem, na qual levou a AD conceber o princípio da heterogeneidade constitutiva em todo discurso (AUTHIER-REVUZ, 1990, 2004).

Em consonância com tal proposição, Bakhtin estabelece uma nova perspectiva na concepção de enunciado, relacionando-o com todas as esferas da atividade humana, além disso, conceitua gêneros discursivos como enunciados relativamente estáveis. O autor afirma ainda que “a utilização da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos), concretos e únicos, que emanam dos integrantes duma ou doutra esfera da atividade humana” (BAKHTIN, 1992, p.279).

O teórico russo diferencia os gêneros enquanto a diversidade funcional que apresentam, sendo assim, Bakhtin classifica os gêneros em dois grupos: gênero de discurso primário (simples) e gênero de discurso secundário (complexo). O autor exemplifica os gêneros secundários como enunciados mais elaborados (romance, teatro, discurso científico e ideológico), nos quais as condições de produção e circulação são relativamente mais

estruturadas. Já os gêneros primários (diálogo, carta), abarcam situações de comunicação verbais mais espontâneas.

Assim, a partir dessa conceituação, o gênero carta pessoal poderia ser classificado como sendo de natureza primária, pois as condições de produção e circulação abrangem situações mais informais. Nesse caso, apesar da informalidade temática, há uma estrutura fixa a ser respeitada para que se possa considerar o enunciado como carta pessoal, como por exemplo: local e data, saudação inicial, assunto, saudação final e assinatura. Também é necessário que haja pelo menos dois sujeitos (remetente/destinatário) em uma situação informal de interlocução.

Entretanto, o tema de redação do SARESP/2008, ao utilizar-se desse gênero como dispositivo de avaliação, acaba desvirtuando a característica essencial do enunciado, que é o de uma produção escrita mais espontânea. Acreditamos que essa estratégia poderia ser compreendida como um dispositivo utilizado para tentar aproximar-se dos sujeitos-avaliados, visto que os mesmos poderiam sentir-se mais à vontade ao discorrer sobre seus colegas, professores e a instituição em que estudam.

Dito isso, após a apresentação de concepções arroladas e as condições de produção do discurso, faz-se pertinente explicitar com mais acuidade sob qual perspectiva teórica entendemos a concepção de texto e sujeito, partes indissolúveis de nossas reflexões.

## 2. A percepção de sujeito e texto pelo viés discursivo

O esquecimento 1, o sujeito tem a ilusão de que, é a origem do sentido, a origem do que diz, quando na realidade retoma sentidos já existentes. O esquecimento 2, o sujeito tem a ilusão de ter o controle do que diz, pensa que suas palavras são claras e vão ser compreendidas de um só modo por todos trazemos para discussão Estes postulados para mostrar, a partir da análise do texto da redação, como os sentidos dos enunciados se realizam e significam independentes de nossa vontade, *deixando resvalar significados indesejáveis ou considerados como tal.* (CORACINI, 1995, p.27).

Antes de analisarmos os excertos que fazem parte de nosso trabalho, cabe definir de forma concisa as noções de texto e sujeito que permeiam nossa investigação, sob o viés discursivo de linha francesa. Consideramos o texto, “não apenas como um ‘dado’ linguístico (com suas marcas, organização, etc), mas como um ‘fato’ discursivo” (ORLANDI, 1999, p.69).

Sob essa perspectiva, o sentido do texto constrói-se no espaço discursivo entre (inter)locutores. Quanto ao sujeito, norteamo-nos por uma concepção que se distancia daquela do sujeito-origem, categoria do sujeito de caráter unitário e homogêneo, para nos aproximarmos da concepção de efeito-sujeito, uma vez que nosso estudo propõe-se a fazer uma breve análise discursiva do texto da redação proposto pelo SARESP, para então estabelecer uma possível relação entre o sentido que esvala do texto com o discurso da vigilância.

Ao tomarmos neste estudo a vertente contraditória e múltipla do sujeito recorreremos aos estudos de Authier-Revuz que apontam para a ilusão que se tem do sujeito como fonte de seu discurso, quando na realidade esse é constituído por várias vozes que atravessam o discurso.

A autora desenvolveu sua teoria visando compreender o sujeito afirmando que ele (o sujeito) “nada mais é do que o suporte e o efeito de seu dizer” (AUTHIER-REVUZ, 1990, p. 27). Nessa complexidade enunciativa, o sujeito-enunciador deixa transparecer a heterogeneidade na materialidade linguística. A despeito disso, a questão de intenção do

locutor deve ser deslocada para uma perspectiva dialógica de interação com seus interlocutores.

Ao discorrer sobre a heterogeneidade constitutiva de todo discurso, Authier-Revuz propõe “uma descrição da heterogeneidade mostrada como formas linguísticas de representação de diferentes modos de negociação do sujeito falante com a heterogeneidade constitutiva do seu discurso” (1990, p. 26).

Segundo Authier-Revuz (2004), as manifestações dos diversos tipos de “negociação” do sujeito falante são compreendidas como heterogeneidade mostrada, dentro do que a autora denomina de heterogeneidade constitutiva. Um texto nunca pode ser entendido como algo homogêneo, ao contrário, ele é heterogêneo em sua constituição e muitas vezes ficam evidentes as diferenças, uma vez que o próprio significado da palavra heterogêneo representa algo composto de partes diversas. Essas partes representam o discurso do outro, a presença de outras vozes.

Dessa forma, a aparente independência do outro é desconstruída no próprio discurso, pois as marcas deixadas na materialidade linguística (d)enunciam outros discursos. “A presença do outro, em compensação, não é explicitada por marcas unívocas na frase: a “menção” que duplica “o uso” que é feito das palavras só é dada a reconhecer, a interpretar, a partir de índices recuperáveis no discurso”. (AUTHIER-REVUZ, 2004, p.18).

Complementando as afirmações anteriores, não podemos esquecer que todo discurso é direcionado a um interlocutor, não necessariamente um sujeito próximo (face a face), mas algo do imaginário. “Isso quer dizer que o receptor não é o “alvo” exterior de um discurso, mas que seu alcance e, mais particularmente, o alcance de sua compreensão está incorporado no processo de produção do discurso” (AUTHIER-REVUZ, 2004, p.42).

Desse modo, analisar o texto escrito em sua materialidade linguística, não representa só olhar os vocábulos, mas ir além e considerar o mais importante: os sujeitos; pois são eles que atribuem sentido. Inversamente, “o sujeito não é uma entidade homogênea, exterior à linguagem, que lhe serviria para “traduzir” em palavras um sentido do qual ele seria fonte consciente” (AUTHIER-REVUZ, 2004, p. 63).

Em síntese, existe um jogo em que a heterogeneidade enunciativa nos faz refletir sobre a opacidade do discurso, entendido como algo trançado por vários fios (o fio do discurso). Desse jogo, os fios atuam no discurso ao mesmo tempo como elo e ruptura, pois unem, mas não conseguem esconder a multiplicidade de vozes que o constitui.

Esse conceito que Authier-Revuz chamou de heterogeneidade discursiva, baliza as análises do *corpus* de nossa investigação que, como dissemos, visa evidenciar as possíveis marcas do discurso de vigilância em uma proposta de redação.

Dito isso, podemos considerar que o tema de redação formatado através do gênero carta pessoal constitui-se como um efeito de sentido no processo de interlocução. Esse discurso não é fechado em si, tampouco tem o domínio exclusivo do sujeito, mas no momento singular de enunciação, pode-se revelar aquilo que não se diz em relação àquilo que é dito, ou seja, na superfície textual da carta observa-se também um suposto desejo de saber sobre o professor e a escola de cada aluno avaliado.

### **3. Sistema educacional e avaliação: o panoptismo pela escrita**

Ao discorrermos sobre o tema de redação utilizado pelo SARESP, não podemos nos esquecer das condições de produção que envolvem essa avaliação. Por ser um instrumento

avaliativo abrangente e que atinge parte dos milhares de alunos da rede estadual de São Paulo e também de escolas de outras redes que aderem ao programa, cabe-nos discutir sobre o sistema educacional que abarca este momento enunciativo.

Sendo assim, Foucault ao elaborar sua epistemologia, discorre sobre a educação de forma muito profícua, esclarecendo e nos direcionando a pensar sobre o papel que o sistema educacional exerce na sociedade contemporânea. De acordo com os preceitos foucaultianos, “Todo sistema de educação é uma maneira política de manter ou de modificar a apropriação dos discursos, com os saberes e os poderes que eles trazem consigo” (FOUCAULT, 2006, p. 44).

Nesse aspecto, cabe ressaltar que a escola constitui-se como uma instância que reproduz as ideologias do Estado, no qual os sujeitos submetem-se à ideologia dominante. O ambiente educacional constitui-se como um dos aparelhos ideológicos do Estado em que funciona pela ideologia de forma invisível.

Sobre isso, Althusser (1974) nos diz que as ideologias têm uma existência material como uma via de duplo efeito: ao mesmo tempo em que o indivíduo se reconhece como sujeito, ele também se sujeita ao mecanismo ideológico básico: a sujeição.

Contudo, “é próprio da ideologia impor (sem o parecer, pois que se trata de “evidências”)” (ALTHUSSER, 1974, p.93), evidências essas que despontam no discurso e que se podem verificar numa situação corriqueira de avaliação, como é o caso em que nos habilitamos a analisar.

Desse modo também, o sistema de ensino revela-se como um “braço” do Estado que ritualiza as palavras e delas se utiliza para fixar seu poder através da vigilância.

O exame combina as técnicas da hierarquia que vigia e as da sanção que normaliza. É um controle normalizante, uma vigilância que permite qualificar, classificar e punir. Estabelece sobre os indivíduos uma visibilidade através da qual eles são diferenciados e sancionados. É por isso que, em todos os dispositivos de disciplina, o exame é altamente ritualizado. (FOUCAULT, 2007, p. 154).

Por sua vez, a partir das representações que os sujeitos têm sobre avaliação, o sistema educativo poderia fazer uso em prol de seus interesses e que quase sempre são imperceptíveis aos educandos e, muitas vezes, até por grande parcela dos educadores, que também fazem parte e estão envoltos por esse aparelho ideológico.

A nosso ver, a avaliação escrita seria utilizada como uma ferramenta de vigilância, sendo um dos modos de controle disciplinar. Nesses termos, os estudos foucaultianos sobre o vigiar contínuo vêm corroborar no entendimento da sensação de constante controle que se pode perceber por diferentes meios, passando de uma estrutura arquitetônica até a uma simples carta pessoal ou um tema de redação. Nestes termos,

O exercício da disciplina supõe um dispositivo que obrigue pelo jogo do olhar; um aparelho onde as técnicas que permitem ver induzam a efeitos de poder, e onde, em troca, os meios de coerção tornem claramente visíveis aqueles sobre quem se aplicam. (FOUCAULT, 2007, p.143-4).

Em consonância com tais colocações, Foucault nos traz a idéia da vigilância através do Panóptico, sistema arquitetônico que se baseia na exposição explícita e ao mesmo tempo velada do vigilante, permitindo um controle externo e criando a sensação de uma vigilância interior. “O Panóptico é uma máquina de dissociar o par ver-ser: no anel periférico, se é

totalmente visto, sem nunca ver; na torre central, vê-se tudo, sem nunca ser visto” (FOUCAULT, 2007, p. 167).

Fazendo uma transposição para nosso objeto de pesquisa, que é o discurso explícito em um tema de redação, essa arquitetura do vigiar e punir também se evidencia pela materialidade linguística. Através dos enunciados é possível criar uma maquinaria a serviço de diferentes interesses, sejam eles particulares ou institucionais.

O sujeito-aluno, por não ter consciência do possível sistema de vigilância, acaba colocando em suas redações informações privilegiadas que poderiam ser usadas a critério de quem tem acesso a esses materiais.

Desse modo, o discurso do sujeito-aluno pode ser utilizado também como uma ferramenta de vigilância e controle. Para tanto, a escola, considerada como um dos aparelhos ideológicos do Estado, pode apoderar-se dos enunciados desses educandos para utilizá-los a seu bel-prazer.

Sendo assim, o aluno, ao enunciar em determinado gênero discursivo numa situação avaliativa, deixa transparecer além da sua competência escritora, indícios discursivos que poderiam ser utilizados para diferentes funções, inclusive para avaliar professores e a própria instituição escolar.

Nesse ponto, há um desejo de saber sobre o outro; porém não podemos remeter estritamente ao conceito de saber proposto por Foucault, tendo em vista que essa proposição remete-nos a uma ideia mais restrita.

Por outro lado, podemos apropriar-nos desse termo num sentido mais amplo, onde um saber se define pelas estruturas “em que o sujeito pode tomar posição para falar dos objetos de que se ocupa em seu discurso” (POSSENTI, 2007, p.13). Dessa maneira, quando o tema da redação instiga os sujeitos-avaliados a escreverem sobre determinado assunto, podem (d)enunciar um desejo por saber que anteriormente explicitamos.

#### **4. Constituição do *corpus* discursivo e procedimento de análise**

##### **4.1. Condições de produção a partir do tema de redação**

O *corpus* que constitui este trabalho é composto de uma seleção de 10 frases extraídas da redação que serviu como tema do SARESP/ 2008. As frases analisadas foram selecionadas por apontarem para um discurso de vigilância (des)velado no texto da redação. Para melhor acompanhamento das análises feitas, essas foram organizadas em pequenos excertos que ilustram nossa discussão.

As análises aqui realizadas inserem-se em uma perspectiva teórica que aproxima análise do discurso de linha francesa e a noção de sujeito heterogêneo, dividido tal como concebido nas teorias desenvolvidas por Authier-Revuz (2004). Esses conceitos deverão balizar as análises e as considerações que se propõem neste estudo desvelar algumas regularidades que denunciam a vigilância posta na materialidade do texto.

Como já mencionamos no início do artigo, este *corpus* caracteriza-se pela utilização de uma carta pessoal como tema motivador na interlocução de uma resposta para um sujeito-fictício, que na realidade tem como sujeito-real o corretor da prova, representante físico do Estado.

Dessa forma, o tema teria como finalidade avaliar a capacidade do sujeito-aluno em expressar-se por escrito, e como objetivo específico avaliar certas competências, tais como:

capacidade em entender o tema/contexto, se o avaliado atende à estrutura do gênero, se conhece os mecanismos linguísticos de coesão/coerência e se domina a norma padrão.

Entretanto, como também já discorreremos, tais funções são claras para os professores corretores e, talvez, não tão explícitas para os educandos avaliados. Mas o que nos chama atenção nesse enunciado é outra possibilidade de uso para as produções textuais dos alunos.

Para tanto, antes de discutirmos sobre estas reflexões, reproduzimos na íntegra o texto utilizado como tema motivador para as produções textuais, para logo em seguida apresentarmos os fragmentos a serem analisados.

Oi, colega

Quantas saudades! Aqui vai tudo bem. E aí com vocês?

Sabe, minha mãe falou que ano que vem nós vamos morar perto de vocês. Quer dizer que a gente vai estudar juntos! Não é legal? Será que eu vou gostar da escola?

A minha aqui é que é legal, tenho muitos amigos e todos os professores me conhecem. O prédio é um pouco velho, precisa de uma pintura, mas tem um jardim muito bonito. A quadra está em reforma e as aulas de Educação Física têm sido no pátio. É chato, porque não dá pra jogar...Tem outra coisa que me incomoda. Minha sala fica no segundo andar do prédio e o banheiro de lá está sempre fechado. Aí, quando eu quero usar o banheiro, preciso ir até o pátio. A Diretora falou na reunião de pais que nós sujamos muito o banheiro e que falta funcionário. Minha mãe entendeu que isto não tem solução.

A escola fica num lugar bem alto, por isso, das janelas da minha sala eu consigo ver muitas ruas do meu bairro. Uma vez me distraí olhando para fora e quando eu me liguei, meus colegas estavam rindo muito porque meu professor de arte tinha feito um desenho meu na lousa como uma releitura do “Pensador”.

Nossa, já escrevi demais! Escreva pra mim e me conte como é sua escola, porque é quase certo que vamos estudar juntos! Fale também dos seus amigos e de seus professores. Tomara que eles sejam legais! Tchau, a gente se vê no Natal.

André.

Na carta, André informa seu primo que, em breve, eles morarão bem próximos. Por conta desse fato, ele pede informações sobre a sua futura escola.

Imagine que você é o amigo de André e escreva uma carta para ele informando sobre sua escola. Não se esqueça de saudá-lo, de contar um pouco sobre o que anda fazendo e também de finalizar a carta, assinando-a.

Nesse ponto, queremos ressaltar a reprodução do tema na íntegra como foi apresentado aos educandos, dessa forma, verificou-se a ausência de um dos elementos estruturais que iniciam uma carta pessoal (local e data). Além disso, ratificamos que as análises que nos propusemos a discorrer estão calcadas na materialidade do tema e não nas eventuais cartas-respostas produzidas pelos sujeitos-avaliados.

## 4.2. Análise dos registros e resultados alcançados

Após a apresentação do tema proposto para os alunos de 6ª série (SARESP/2008), cabe-nos analisar alguns excertos no interior da carta que nos chamaram atenção pelo aparente tom negativo desvelado na heterogeneidade constitutiva. Na carta, percebe-se que o

locutor André escreve para um colega comunicando-lhe que vai se mudar e que provavelmente também irá estudar na mesma escola desse colega. Assim, ao discorrer sobre a situação, o próprio autor se pergunta se vai gostar da futura escola.

E1. *Será que eu vou gostar da escola?*

Nesse excerto, retirado do segundo parágrafo da carta, notamos a expectativa do sujeito quanto ao novo local onde iria estudar. Ao mesmo tempo, pode-se depreender então um tom de receio sobre as expectativas quanto ao lugar.

No terceiro parágrafo, André começa relatar sobre sua antiga escola, mas em seu discurso, pode-se observar a impressão que o aluno tem sobre sua própria escola. Vários fatos sobre a instituição escolar escapam do sujeito que emerge do discurso na redação e apontam para uma representação reticente da instituição marcada pela frase interrogativa e a expressão “será que” que coloca em dúvida o verbo gostar: (E1. *Será que eu vou gostar...?*). Dando prosseguimento à nossa análise, apresentamos o excerto a seguir :

E2. [...] *aqui até que é legal*

Ao mesmo tempo, em um ato contraditório, o sujeito resgata a noção de escola, como lugar agradável, ainda que de maneira restrita como podemos notar pelo emprego do “até que”. Ao se apropriar da preposição “até”, o sujeito da redação engendra uma construção adverbial de intensidade. Desse modo, a construção textual adquire um outro tom com este sintagma, pois há uma grande diferença entre afirmar que a escola “é legal” e dizer que a escola “até que é legal”.

Pode-se dizer que para o enunciador, o “até” revela, apesar de existir muitas coisas ruins ou negativas na escola, um espaço positivo que pode ser considerado legal pelo autor da redação.

E3. *A quadra está em reforma e as aulas de Educação Física têm sido no pátio.*

E4. *É chato*

Com a reforma da quadra, as aulas de Educação Física aparecem representando uma noção de imprevisto e de algo que está no lugar “errado” na educação e isto é chato como podemos ver nas próprias palavras do sujeito, retiradas do excerto 4.

O sujeito enuncia uma situação de precariedade e logo em seguida explicita sua apreciação sobre a circunstância vivida, ou seja, na heterogeneidade do discurso percebe-se um tom avaliativo sobre as condições estruturais da escola.

Além de marcar essa apreciação no fio do discurso, o enunciado serviria também como mote para os sujeitos-avaliados descreverem as precariedades encontradas em cada instituição escolar. Como o Estado possui poucos meios para investigar seus próprios aparelhos, criam-se assim dispositivos aparentemente invisíveis de vigilância. Nesses termos, acreditamos que o discurso poderia ser um dispositivo panóptico de sujeição e denúncia, conforme observamos abaixo.

E5. *O banheiro de lá está sempre fechado, E6. falta funcionário.*

E7. *Não tem solução.*



Notamos nesses excertos que o sujeito da redação descreve a escola com vocábulos que trazem sentido de descontentamento. Ao desvelar que na estrutura da escola as condições de base faltam, tais como a higiene e funcionário, o sujeito leva-nos a pensar que o funcionamento inadequado da escola é constitutivo de sua estrutura, revelado pelo emprego do advérbio *sempre*. Reforçada pelo excerto 7, quando o sujeito diz que “*não tem solução*”, uma imagem negativa e niilista da escola e conseqüentemente da educação é construída no discurso deste sujeito portador de uma voz que prossegue sua narrativa relatando o que se passa na unidade escolar.

*E8. Escreva pra mim e me conte como é a sua escola.*

No excerto 8, percebe-se que o sujeito pede ao seu interlocutor que escreva contando como é a escola na qual estuda. Desse modo, o aparente pedido de informações pode ser apreendido em no mínimo duas facetas.

Na primeira, depreende-se a descrição que o sujeito-aluno dá sobre o ambiente escolar que frequentava, tentando descrever ao locutor o retrato da sua escola através da materialidade linguística. No entanto, podemos notar outra possibilidade funcional para o excerto, uma vez que ao utilizar os verbos no modo imperativo (escreva/conte), quem elaborou a prova poderia utilizar esse artifício para conseguir extrair informações específicas sobre as unidades escolares, podendo ser essas uma forma panóptica de vigilância por meio do discurso dos sujeitos-alunos.

Dessa maneira, os discursos funcionariam como formas de vigilância, uma vez que através da superfície textual, podemos cogitar pelo menos duas possibilidades de uso para um mesmo excerto, ou seja, de dar instruções de como proceder em uma redação e ao mesmo tempo fazer com que os sujeitos-avaliados explicitem suas opiniões sobre o lugar onde estudam.

Em consonância com tais colocações, o próximo excerto selecionado também transparece a heterogeneidade constitutiva de todo discurso, pois se pode depreender no enunciado do locutor um convite para que o interlocutor enuncie seu juízo de valor com relação aos colegas e professores, conforme demonstramos abaixo:

*E9. Fale também dos seus amigos e de seus professores. Tomara que eles sejam legais!*

Nesse caso, observamos explicitamente através do verbo no imperativo (fale), o fato do sujeito querer que seu interlocutor descreva seus amigos e seus professores. Interessa-nos nessa análise o pedido de descrição sobre os docentes, uma vez que poderiam ser alvos de vigilância através do discurso dos sujeitos-avaliados.

Essa situação, agregada ao fato do locutor da carta excluir seu desejo que ambos, colegas e professores, sejam legais poderiam interferir na enunciação dos educandos, pois irão colocar seu juízo de valor com relação aos profissionais docentes da instituição escolar em que estudam. Ademais, os sujeitos-alunos são convidados a escrever sobre determinados professores que acham legais, tendo em vista sua própria concepção do que seja ser um professor “legal”.

Dessa forma, ao escrever a redação para a prova do SARESP, os alunos criam uma espécie de panóptico discursivo, no qual ao mesmo tempo em que são avaliados, também avaliam sua escola e seus docentes. Nesse aspecto, pode-se cogitar a possibilidade das produções textuais dos sujeitos-alunos serem utilizadas tanto para verificação do domínio da

competência escritora, quanto para se verificar como os docentes são vistos pelos sujeitos-alunos.

Para finalizar a proposta de redação do SARESP/2008, há um quadro no qual se colocou informações diretas sobre como os sujeitos deveriam proceder na elaboração das produções textuais. Nesse quadro prescritivo, chamou-nos atenção o seguinte excerto:

E10. *Imagine que você é o amigo de André e escreva uma carta para ele informando sobre sua escola.*

Vê-se que o enunciado pode funcionar como um dispositivo panóptico, uma vez que esse discurso prescreve aos sujeitos-alunos que escrevam sobre o local no qual estudam, podendo esses escrever coisas boas ou ruins sobre a instituição. Além disso, tais informações colocadas no papel podem ser um rico material para se observar a esfera escolar, indo da parte física e estrutural até o âmbito pedagógico.

### **Considerações finais**

As considerações obtidas através desse estudo evidenciaram que um tema de redação pode ser utilizado bem mais do que uma simples proposta de produção textual, confirmando assim nossa hipótese de vigilância através da escrita.

Para ilustrar essa afirmação, recorreremos aos dez excertos analisados, nos quais percebemos certas vozes despontando na superfície textual. Esses enunciados, a nosso ver, (re)velam na heterogeneidade constitutiva do discurso um desejo por saber da visão que o sujeito-aluno tem sobre seus colegas, professores e a escola onde estuda.

A reflexão aqui apresentada mostrou-nos também o caráter panóptico que o texto pode adquirir, de acordo com as intenções dos sujeitos que enunciam, considerando da mesma forma as condições de produção em que esses eventos discursivos são engendrados.

Por meio desse estudo, mostra-se a possibilidade da AD servir de instrumento formativo para os docentes, tornando-os sujeitos mais críticos, sendo capazes de observar o discurso sob diferentes facetas.

**ABSTRACT:** The present research aims to discuss the function of writing's theme, considering two utilities, one verifying the writer's ability and the other a possible monitoring form through the writing. For such studies, we used 6<sup>th</sup> grade writing's theme (SARESP/2008) as *corpus*, where personal letter genre were used to motivate the interlocution of textual productions. As theoretical-methodological references, we recurred to some foucaultinians' presupposed in addition with french line Discourse's Analysis. Through our analysis, we observed as the power's and monitoring's discursive marks could be present in writing's theme, marks not always been seeing by readers.

**Keywords:** writing's theme; evaluation; monitoring; discourse's analysis.

### **Referências bibliográficas**

ALTHUSSER, L. *Ideologia e aparelhos ideológicos do Estado*. 3. ed. tradução de Joaquim José de Moura Ramos. Lisboa: Editorial Presença-Martins Fontes, 1974.

AUTHIER-REVUZ, J. *Heterogeneidade(s) enunciativa(s)*. Campinas: Cadernos de Estudos Linguísticos (19), 1990, p. 25-42.

\_\_\_\_\_. *Entre a transparência e a opacidade: um estudo enunciativo do sentido*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

BAKHTIN, M. M. *Estética da Criação Verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

BRANDÃO, H. N. *Introdução à análise do discurso*. 8 ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2002.

CORACINI, J. M. Leitura: decodificação, processo discursivo. In: CORACINI, M.J. (org). *O jogo discursivo na aula de leitura: língua materna e língua estrangeira*. Campinas, SP: Pontes, 1995.

FOUCAULT, M. *A ordem do discurso*. 14 ed. São Paulo: Editora Loyola, 2006.

\_\_\_\_\_. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. 34 ed. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2007.

ORLANDI, E. P. *Análise do Discurso: Princípios e Procedimentos*. Campinas (SP): Pontes, 1999.

POSSENTI, S. Sobre dois conceitos de Foucault. In: *Revista do Gel*. vol. 4 n.2. São José do Rio Preto: Grupo de Estudos Linguísticos do Estado de São Paulo, 2007.

RECEBIDO EM 08/09/09 – APROVADO EM 14/06/10